

# CABO ALADARQUE CÂNDIDO DOS SANTOS: um Fuzileiro Naval brasileiro na Unavem III

WELLINGTON CORLET DOS SANTOS\*  
Coronel de Infantaria (QEMA-R1)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Angola  
A missão  
A emboscada  
Dignidade e merecimento  
Conclusão  
Anexos  
    Certificado  
    Extrato de Folhas de Alterações

## INTRODUÇÃO

**T**odos aqueles que participaram da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola III (*United Nations Angola Verification Mission III* - Unavem

III) voltaram daquele país mudados para sempre. Esta afirmação não é decorrência simplesmente da distância geográfica e nem do período de tempo em que cada um dos militares permaneceu fora do Brasil e longe da família, mas, principalmente,

---

\* Militar da Reserva do Quadro de Estado-Maior da Ativa (QEMA) do Exército Brasileiro, mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, bacharel em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco e ex-integrante do 4º Contingente Brasileiro na Unavem III (1997) e do 15º Contingente Brasileiro na Minustah (2011/2012).

pelo fato de cada um deles ter estado presente em um ambiente de guerra e sentido na própria pele, na mente e no coração as diferentes sensações e emoções resultantes das diversas situações que se apresentavam.

Alguns militares morreram depois da chegada ao Brasil em decorrência de doenças contraídas na área de missão, e outros morreram em território angolano, como é o caso do Cabo Fuzileiro Naval (FN) Aladarque Cândido dos Santos.

No dia 19 de maio de 1997, eu e outros companheiros que integramos a patrulha em socorro às vítimas da emboscada que vitimou o Cabo (CB) Aladarque não tivemos condições de resgatá-lo e trazê-lo vivo de volta para o Brasil e para a sua família. Contudo, hoje, passados quase 20 anos, nós temos o dever de resgatá-lo para a história do Brasil, da Marinha do Brasil (MB) e do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

Este trabalho tem como finalidade relembrar um pouco da participação dos militares brasileiros na Unavem III, destacando a pessoa do CB (FN) Aladarque e o episódio que o vitimou.

## ANGOLA

Naquela época, a República de Angola chamava-se República Popular de Angola. Era um dos países mais pobres do mundo, apesar de possuir uma grande variedade de recursos minerais: ouro, diamantes e petróleo, dentre outros. Era um país dividido: algumas áreas dominadas pela União Nacional para a Independência Total de Angola – Unita (oposição) e outras pelo Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA (governo reconhecido).

Cada facção possuía uma bandeira diferente da outra, ambas controlavam áreas

geográficas diferentes, estabeleciam variações de câmbio diferentes, possuíam postos de controle de fronteira entre elas mesmas e lideranças<sup>1</sup> e forças armadas diferentes. Naquela época, um dólar americano tinha a cotação de aproximadamente uns 250 mil kwanzas, isto do lado do MPLA.

Diferentemente da missão de paz que vem sendo realizada no Haiti (Minustah), na missão de Angola estávamos garantindo um cessar-fogo estabelecido pelo Acordo de Bicesse (31 de maio de 1991) e pelo Protocolo de Lusaka (20 de novembro de 1994) entre as duas facções beligerantes de uma guerra civil que já durava uns 30 anos, entre a Unita e o MPLA. Ambas possuíam muitas tropas, uniformes diferentes e inúmeros armamentos pesados (fuzis, metralhadoras de todo tipo, canhões, carros de combate, minas terrestres e até mesmo mísseis e aviões a jato).

## A MISSÃO

Em 14 de agosto de 1997, no aeroporto de Benguela, próximo a Lobito, contemplávamos pela última vez, em solo angolano, os sinais de destruições provocados por uma guerra que já durava mais de 30 anos. Ao redor da pista de pouso, podíamos observar destroços de aeronaves, armamentos abandonados e muitas ruínas, mas, para a nossa felicidade, a pista e a torre de comando estavam intactas, em perfeito funcionamento, e o nosso avião estava se preparando para decolar.

Éramos ao todo, pelo que me recorde, 77 militares do 5º Escalão de Regresso, escalão do qual fazia parte o Comando do 42º Batalhão de Infantaria Motorizado – Batalhão Força de Paz (42º BIMTz-Btl F Paz), oriundo de Goiânia (GO), e cuja base

1 O MPLA já era liderado por José Eduardo dos Santos, presidente de Angola até hoje, e a Unita por Jonas Malheiro Savimbi, morto em 22 de fevereiro de 2002.

de formação havia sido o 42º Batalhão de Infantaria Motorizado, sediado naquela mesma cidade e hoje extinto.

De Benguela, decolamos na aeronave L-100<sup>2</sup> da Organização das Nações Unidas (ONU) para Luanda, onde, depois de uns 45 minutos de voo, desembarcamos no Aeroporto Quatro de Fevereiro. Ali participamos de uma formatura que foi presidida por altas autoridades militares da ONU para, logo em seguida, embarcarmos novamente, desta feita em um C-130 Hércules, da Força Aérea Brasileira (FAB), que decolou por volta das 16 horas (hora local) e nos trouxe para o Brasil.

Nossos uniformes camuflados, castigados pelo uso ininterrupto na missão, estavam desbotados, mas vinham acrescidos de dois pequenos detalhes: o primeiro, a boina azul da ONU e o segundo, a Medalha das Nações Unidas, da

Unavem III, que trazia no anverso o brasão da ONU e no verso a inscrição *In the service of peace* (A serviço da paz).

Voltávamos para o Brasil com o batalhão incompleto, porque o CB Aladarque havia falecido no dia 19 de maio de 1997, vítima de ação objetiva de agressores desconhecidos, durante uma emboscada.

Em geral, nossas missões eram fazer patrulhas de reconhecimento, de segurança,

de fiscalização das linhas de cessar fogo e de suprimento; realizar escoltas de comboios e de autoridades; controlar e fazer a segurança das áreas de aquartelamento<sup>3</sup>; ocupar postos de observação; e executar ações humanitárias, dentre muitas outras atividades, sempre zelando pela perfeita imparcialidade.

As companhias do Batalhão de Força de Paz ficavam bem distantes umas das outras,

algumas em áreas dominadas pela Unita, outras em áreas dominadas pelo MPLA: a sede do Batalhão (Comando, Estado-Maior, Companhia de Comando e Apoio e Companhia de Serviços) ficava em Kuito; a 1ª Companhia de Fuzileiros (Exército), em Andulo; a 2ª Companhia de Fuzileiros (Exército), em Luena/Lumege; a 4ª Companhia de Fuzileiros Navais (MB), em Chitembo e um Pelotão de Segurança em Lu-

anda, que fazia a segurança da Vila Espa, quartel-general da Unavem III. Além desse dispositivo, cada companhia mantinha os seus pelotões em várias missões destacadas fixas ou móveis, de postos de observação, postos de controle de trânsito, segurança de áreas de aquartelamento e patrulhas, tais como um pelotão da 2ª Companhia de Fuzileiros que ficava destacado permanentemente em Lumeje e um posto destacado

**Nossos uniformes  
camuflados estavam  
desbotados, mas vinham  
acrescidos de dois detalhes:  
a boina azul da ONU e a  
Medalha das Nações Unidas.  
Voltávamos para o Brasil  
com o batalhão incompleto,  
porque o CB Aladarque  
havia falecido vítima de uma  
emboscada**

<sup>2</sup> L-100 era a designação pela qual a aeronave C 130 - Hércules era conhecida na Unavem III.

<sup>3</sup> Áreas de Aquartelamento eram as áreas administradas pelo pessoal das Nações Unidas para onde deveriam se dirigir os militares da Unita que desejassem ser desmobilizados. Ao se dirigirem para essas áreas, os militares entregavam suas armas e uniformes, eram cadastrados e recebiam um *kit* de roupas civis e uma pequena ajuda de custo. Algumas áreas chegavam a ter mais de 5 mil pessoas, porque para lá também acabavam se dirigindo os familiares dos militares. Posteriormente, esse cidadão aquartelado era reinserido na sociedade (vida civil) ou nas Forças Armadas de Angola.

da 4ª Companhia de Fuzileiros Navais que ficava destacado em Cuquemba.

Compunham também o contingente brasileiro a Companhia de Engenharia de Força de Paz, em Calomboloca; um posto de saúde do Exército, em Luena, e outro posto de saúde da MB, em Huambo.

Os militares que participaram daquela missão sabem que muitos fatores influíam negativamente sobre o estado moral e o estado disciplinar da tropa, tais como: o grande número de militares infectados pela malária, exposição a diversas doenças, a ação esporádica de agressores armados, a dificuldade de comunicações com o Brasil, a saudade da família, os exames semanais de malária (lâmina), os comprimidos semanais de mefloquina<sup>4</sup>, a grande quantidade de campos minados (uma das viaturas do Exército Brasileiro já havia explodido na região de Kamakupa, durante



Área de destruição da Escola de Desminagem Francesa, nas proximidades de Kuito



Carro de combate destruído nas proximidades de HUAMBO

o 3º Contingente), a tensão gerada por se estar entre duas forças beligerantes, e a total abstinência sexual, dentre outros.

Para ser ter uma ideia, morávamos em barracas e contêineres de carga sem ar-condicionado, não havia internet, as cartas demoravam meses para chegar e as comunicações com a família eram por meio do equipamento Harris<sup>5</sup>. Para usar tal equipamento, havia uma escala diária das companhias/pelotões, e quem quisesse ter mais privacidade poderia se utilizar do equipamento Inmarsat<sup>6</sup>, mas teria

- 4 O fato que determina pegar ou não a malária é a picada do mosquito que transmite, no caso de Angola, o parasita *Plasmodium Falsiparum*. O remédio mefloquina, feito à base de quinino, somente atenua os efeitos da malária.
- 5 O Harris era um sistema pelo qual nós, em Angola, falávamos pelo rádio e nossos familiares, no Brasil, falavam pelo telefone fixo. Os dois interlocutores não podiam falar simultaneamente e, sempre que um terminava, deveria dizer “câmbio” para que o outro pudesse falar. A ligação não tinha nenhuma privacidade e dependia muito das condições atmosféricas. Se o militar perdesse a ocasião por qualquer motivo, só poderia utilizar o equipamento na semana seguinte, no dia destinado à sua fração.
- 6 O Inmarsat era um sistema em que nós, em Angola, e nossos familiares, no Brasil, conversávamos pelo telefone fixo. Os dois interlocutores podiam falar simultaneamente. A ligação tinha relativa privacidade e pouco dependia das condições atmosféricas. O alto custo da ligação fazia com que as filas fossem bem pequenas.

que desembolsar em torno de US\$ 4 pelo minuto e só poderia falar após as 20 horas (hora local).

As distâncias eram enormes e as estradas eram péssimas, esburacadas e sem nenhuma sinalização, havendo, muitas vezes, necessidade de se sair do leito das mesmas para se desviar dos buracos ou dos campos minados,

e o deslocamento era quase sempre em altas velocidades, nos máximos limites permitidos, para se poder chegar ao destino sob a proteção da luz do dia, evitando-se, assim, as emboscadas. Essas circunstâncias provocaram di-

versos acidentes com as viaturas. Não podíamos colocar muitos sacos de areia dentro destas<sup>7</sup> porque, com o deslocamento nas estradas esburacadas e a veloci-

dade que tínhamos que desenvolver, os sacos de areia se desarrumavam e desequilibravam a viatura. Se, por um lado, ganhávamos em proteção contra as minas e os tiros, perdíamos em estabilidade e velocidade.

Por esses motivos, a missão de paz em Angola foi considerada como Serviço Nacional Relevante pelo Decreto Presidencial de 30 março de 1995, publicado no *Diário Oficial da União* nº 63, de 31 de março de 1995, nas mesmas condicionantes do Decreto-Lei nº 67.686, de 30 de novembro de 1970.

Após a repatriação do Batalhão do Uruguai (Urubbatt), a região de Vila Nova,



Aquartelamento da 3ª Companhia de Fuzileiros de Força de Paz, em Vila Nova, de onde partiu a patrulha do Cb Aladarque, no dia 19 de maio de 1997

que era de responsabilidade deste, passou para o Batalhão Brasileiro (Brabatt), sem que tivéssemos tido qualquer acréscimo no nosso efetivo. Por esse motivo, houve necessidade de se criar uma nova 3ª Com-

panhia de Força de Paz – 3ª Cia F Paz<sup>8</sup>, formada por pequenos efetivos emprestados das outras companhias, para atuar naquela região.

O CB (FN) Aladarque Cândido dos Santos, da 4ª Cia F Paz, de Chitembo, “embarcou” naquela missão.

## A EMBOSCADA

A região onde ocorreu a emboscada que vitimou o Cabo Aladarque, como já foi dito, havia sido área de responsabilidade do Batalhão do Uruguai. Era uma região daquelas que costumamos chamar “terra de ninguém”, porque limitava áreas contíguas controladas pela Unita e pelo MPLA. Além disso, era passagem terrestre obrigatória entre Kuito,

## A missão de paz em Angola foi considerada como Serviço Nacional Relevante

<sup>7</sup> Os sacos de areia eram uma proteção contra tiros e explosões de minas.

<sup>8</sup> Durante a mobilização do 4º Contingente no Brasil, havia uma 3ª Companhia de Fuzileiros de Força de Paz que estava prevista para ir para Angola, mas acabou não indo por causa das notícias de que a mesma não seria necessária, já que a missão estava terminando.



Pedra do Alemão, nas proximidades do local onde ocorreu a emboscada do dia 19 de maio de 1997

Vila Nova, Huambo, Lobito, Benguela e Luanda, e era reconhecidamente violenta. Ou seja, todos os comboios da ONU ou do Brabatt que transitavam de Kuito para Huambo, Lobito, Benguela e Luanda, e vice-versa, obrigatoriamente, teriam que passar pelo local. Naquela região, entre Vila Nova e Huambo, passou atuar a nova 3ª Companhia de Força de Paz.

E para que se possa ter uma ideia das distâncias e dos tempos gastos, em que pese parecerem distâncias pequenas, naquela época a insegurança em relação a possíveis agressores, a falta de pavimentação asfáltica, os buracos nas estradas, os campos de minas e a obrigatoriedade de só se deslocar com a luz do dia faziam com que um comboio que saísse de Kuito tivesse que pernoitar em Vila Nova, na sede da 3ª Cia Fuz F Paz, para, no dia seguinte, bem cedo, iniciar o deslocamento, passando por Huambo e seguindo depois para Lobito, onde era realizado um segundo pernoite, no Campo de Trânsito português. No terceiro dia de viagem, de Lobito seguia-se para Luanda, onde ocorria o terceiro pernoite, já na Vila Espa.

**A missão da patrulha era ocupar o perímetro, fazer a segurança, realizar uma perícia do local, fazer uma demonstração de força e, se possível, resgatar feridos e mortos e/ou capturar os suspeitos**

Eu mesmo havia feito esse percurso de ida de Kuito para Luanda, no dia 6 de maio de 1997, tendo regressado para Kuito nove dias depois com um comboio de suprimentos composto por quatro caminhões 5 ton. e duas Toyotas ¾ ton. Infelizmente, tive que

retornar para aquela região de Vila Nova quatro dias após, como subcomandante da patrulha de combate/resgate que foi em socorro às vítimas da emboscada.

Naquele 19 de maio, por volta das 9h30 (hora de Angola), estava eu na sede do Brabatt (Btl F Paz), em Kuito, quando fui chamado pelo oficial de Operações do Batalhão, que me ordenou que preparasse uma patrulha para, de imediato, partir para a cidade de Vila Nova.

Lembro-me que, momentos antes de sairmos, perguntei-lhe o que havia acontecido e ele me dissera que haviam matado um de nossos cabos e ferido

outro numa emboscada na região da Pedra do Alemão, próximo a Vila Nova, e que nossa missão era ocupar o perímetro, fazer a segurança, realizar uma perícia do local, fazer uma demonstração de força e, se possível, resgatar feridos e mortos e/ou capturar os suspeitos.

Saímos de Kuito para a missão o mais cedo possível.

O aprestamento da tropa era muito rápido, mas lembro que naquele dia, coincidentemente, havia vários repórteres no

Brabatt que estavam acompanhando um brigadeiro, acho que o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA).

Sáimos tão rápido quanto pudemos. A distância (em linha reta) entre o nosso aquartelamento e a posição exata da emboscada era em torno de 110 km, mas, na prática, tendo em vista os contornos da estrada, o fato de, naquela época, ser em grande parte de terra batida e com muitos buracos, e ainda, de termos que trafegar em baixa velocidade, porque estávamos com os blindados (Cascavel e Urutu), chegamos ao local da emboscada umas duas horas e meia depois de termos sido acionados. Não sei informar quanto tempo decorreu entre a ocorrência do fato e a chegada da informação na sede da 3ª Cia (Vila Nova) e depois na sede do Brabatt, em Kuito.

A tensão e o nervosismo foram muito grandes entre todos nós e, intimamente, eu me perguntava como poderíamos estar naquele país, a serviço da ONU, recebendo tiros de pessoas que estávamos tentando ajudar. Outra preocupação que me surgiu foi a da possibilidade dessa tensão e nervosismo ocasionarem incidentes ainda maiores. Felizmente todos os integrantes da patrulha foram muito profissionais, e tudo foi realizado da melhor maneira possível.

Quando chegamos ao local (coordenadas geográficas 12° 42' 54.69" S - 16° 0' 2.81" L), achamos os indícios da emboscada, mas não encontramos mais os mortos, nem feridos e nem bandoleiros, porque estes já haviam sido levados.

Eu me referi a “indícios de emboscada” porque, quando fomos acionados em Kuito, não sabíamos exatamente o que havia ocorrido, mas a informação que o S/3 havia

me passado era de que “havia matado um dos nossos cabos e ferido outro em uma patrulha”. Na época, eu, capitão sem Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), e comandante da Companhia de Comando e Apoio do Brabatt, organizei a patrulha de resgate e fui o subcomandante da mesma, sendo que o próprio S/3, foi o comandante. Não sabíamos realmente o que havia ocorrido, se havia sido algum ataque da UNITA ou do MPLA ou um simples acidente. Mas depois de tudo averiguado, a emboscada foi confirmada.

### **O local da emboscada era na subida de um viaduto, sobre uma linha férrea, em região coberta por matas e árvores**

No local da ocorrência, as provas materiais que encontramos confirmando a emboscada foram as seguintes: marcas de sangue no local; pequenas peças de viaturas (partes quebradas); muitos estojos vazios de AK 47; mar-

cas dos pneus das viaturas na vegetação (as viaturas, assim que levaram os tiros, perderam a direção e saíram do leito da estrada); e muita vegetação amassada.

Naquele final de tarde, ainda no dia 19 de maio, quando saímos do local da emboscada, fomos para a sede da 3ª Companhia de Fuzileiros (em Vila Nova), onde pernoitamos.

Fizemos a segurança em defesa circular, inclusive dominando as vias de acesso e os pontos mais altos da região, o que nos era muito dificultado pela altura e densidade da vegetação e pela possível existência de campos minados na área. O local da emboscada era na subida de um viaduto, sobre uma linha férrea, em região coberta por matas e árvores, sendo que a área urbana mais próxima era a própria cidade de Vila Nova, sede da 3ª Cia F Paz.

Simultaneamente, alguns de nós fazíamos a varredura da área, inclusive por fora

do leito da estrada, procurando indícios que subsidiassem o Inquérito Policial Militar (IPM) na comprovação da emboscada. Foi encontrada por nós, e confirmada, uma única posição de tiro, em que achamos 12 estojos de fuzil AK 47<sup>9</sup>. Mas sabíamos que, a julgar pelo estado em que ficara a Vtr 3/4 Toyota, UN 8369<sup>10</sup>, havia pelo menos três posições de tiro, que não nos foi possível encontrar dadas as circunstâncias existentes de termos que procurar pequenos

indícios, preocupando-nos também em pisar exatamente sobre as marcas deixadas na vegetação pelas rodas das viaturas e pelas pessoas, talvez guerrilheiros, para evitarmos as minas, o que não nos permitia palmilhar e vistoriar todo o terreno com precisão. Também tínhamos que manter atenção total à nossa frente, sem nunca dar as costas, sempre apontando as armas carregadas para fora do perímetro de defesa, de forma a respondermos



Viatura Toyota Bandeirante UN 8369, em que morreu o Cb Aladarque. Os pequenos pontos pretos na lataria da retaguarda da cabine são perfurações dos tiros

9 Sigla de “*Avtomat Kalashnikova*”.

10 Atualmente, esta viatura se encontra exposta no Museu Militar Conde de Linhares (Av. Pedro II, 383, São Cristóvão, Rio de Janeiro - RJ).

com presteza e eficácia a qualquer surpresa de um possível inimigo que aparecesse.

Em tese, não poderíamos ter abandonado o leito da estrada durante as buscas, mas o fizemos em prol do cumprimento da missão, sem o que, neste caso, não confirmaríamos a emboscada, não teríamos a certeza de não haverem mais mortos ou feridos no local e, finalmente, após perder um dos nossos, não estaríamos certos de o máximo termos feito para procurar e capturar

os seus agressores, que infelizmente ficaram incógnitos e impunes.

A viatura Toyota UN 8369 havia sido transfixada por pelo menos uma dezena de



Detalhe da lateral direita da Viatura Toyota Bandeirante UN 8369. Observe-se que os vidros direito e da retaguarda da cabine estão quebrados

projéteis. Quanto aos ocupantes, tanto o Cabo Sobrinho (motorista), do Exército, quanto o CB (FN) Aladarque (carona) foram atingidos por aproximadamente três tiros cada um – seus coletes balísticos não haviam sido suficientemente fortes para protegê-los.

O CB Aladarque morreu na hora, mas o CB Sobrinho, que dirigia a viatura, tendo sobrevivido aos tiros, mesmo ferido, ainda conseguiu reagir com alguns disparos de fuzil na direção dos inimigos e recolocando a viatura no leito da estrada. Eu me lembro de ter visto naquele mesmo dia, já na sede da 3ª Companhia, em Vila Nova, os coletes balísticos de ambos bem ensanguentados e perfurados (transfixados) pelos tiros e o capacete balístico de um deles com uma marca de impacto, sem que tivesse transfixado.

Em meio àquele triste cenário, percebemos que tudo o que estava ao alcance do CB Aladarque e do CB Sobrinho para cumprir bem a missão foi feito, na medida das possibilidades físicas que eles tiveram, mas, naquele dia, a missão de ambos foi ter vertido o próprio sangue e, no caso do CB (FN) Aladarque, doado a vida por Angola, pelo Brasil e pela ONU.

Lembro também que no momento da emboscada, pelo que foi dito à época, a viatura deles fechava o comboio (era a última da coluna) e, pelo que ficou claro quando chegamos naquele local foi que os tiros começaram, e apenas quando a viatura deles, a última da coluna, entrou na zona de destruição da emboscada. Outra coisa interessante é que, inversamente do que aprendemos nas escolas militares, as posições de tiro da emboscada eram em lugares mais baixos do que o leito da estrada

(zona de destruição), na subida da ponte. As viaturas que estavam na estrada buscaram refúgio, ou perderam o controle, e foram para as margens ou terrenos laterais ao leito da estrada, mas as que estavam sobre a ponte não tiveram condições de fugir para as laterais. Não havia acostamento e essas laterais da estrada a que me referi eram em declividade suave e cobertas por mata virgem, tudo com suspeita de área minada. Essa região era uma “zona de ninguém” entre a Unita e o MPLA, e não sabemos até hoje se os agressores eram de um lado ou de outro. A versão que mais aceitamos foi a

de que fossem simples bandoleiros desvinculados dos partidos.

Na época, como já disse, foi feito um IPM, que foi suprido com as informações que levamos (havia pessoal da Polícia do Exército na nossa patrulha para periciar o local) e, além

disso, e depois disso, o comandante do Brabatt me incumbiu da tarefa de escrever um elogio para o CB Aladarque (*Post Mortem*) e outro para o CB Sobrinho, o que fiz, e que foi publicado pelo comandante. Recordo-me de que os elogios feitos foram para Heróis, principalmente o do CB Aladarque, que havia falecido. E, se naquela época eu sabia algum português, acho que gastei todo ele naquele elogio, com a alma e o coração, feito da melhor forma que eu poderia e com todas as informações que me haviam sido disponibilizadas.

O corpo do CB Aladarque foi embalsamado e recebeu as honras fúnebres da ONU em Luanda, sendo trazido para o Brasil no mesmo avião da TAAG que trouxe o pessoal que voltava em gozo de licença (*leave*).

Finalmente, no Exército, o CB Sobrinho, posteriormente, recebeu a Medalha

**A missão de ambos foi ter vertido o próprio sangue e, no caso do CB (FN) Aladarque, doado a vida por Angola, pelo Brasil e pela ONU**

do Pacificador com Palma, dada somente a militares que praticam atos de bravura com risco de vida. Contudo, curiosamente, fiquei sabendo que o CB Aladarque, que perdeu a vida, caiu no esquecimento na Marinha do Brasil.

Naquela época, depois da emboscada, o clima em todo o Brabatt ficou muito triste e tenso, muito mesmo. Não conheci pessoalmente o CB Aladarque, e nada nos foi dito no Brabatt sobre o que havia ocorrido depois do regresso do seu corpo para o Brasil. O fato de ser da Marinha e nós do Exército acabou por agravar a desinformação.

Perfeito ou imperfeito como pessoa, cidadão ou como militar, o destino e o acaso fizeram dele o Herói da vez, morto em decorrência de ação objetiva do inimigo, em missão de paz, longe da sua pátria e da sua família, defendendo uma causa nobre, que era a paz para Angola, vestindo o uniforme dos Fuzileiros Navais, e portando no braço a Bandeira do Brasil.

Quanto à nossa missão, não pudemos resgatar e nem trazer de volta vivo para o Brasil o Cabo Aladarque, mas graças ao conhecimento pleno dos valores em questão, inclusive os das Nações Unidas, sem mais confrontos e derramamentos de sangue, confirmamos a emboscada e obtivemos a certeza de que não havia mais mortos ou feridos no local.

Os detalhes da emboscada foram objetos de um IPM, do qual foi encarregado um dos nossos oficiais superiores.

Soubemos superar a perda do companheiro, mas, para tal, precisamos nos submeter às sensações estranhas que povoavam nossas mentes e nossos corações naqueles dias, tais como o luto, os medos e as incertezas e o ódio indistigável que poderia gerar uma atitude de vingança, mas que deveria ser contido a todo custo para o bom cumpri-

mento da missão. Assim, a completamos e voltamos para o Brasil.

Todos nós que participamos da missão temos muito orgulho de termos doado o máximo e o melhor de cada um de nós pelo processo de paz em Angola.

## DIGNIDADE E MERECIMENTO

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos países criaram medalhas para recompensar os militares feridos em consequência de ação objetiva do inimigo e, no caso do Brasil, tivemos a Medalha Sangue do Brasil (Exército) e a Cruz de Sangue (Força Aérea Brasileira), ambas previstas no Decreto nº 40.556, de 17 de dezembro de 1956.

Tal fato significa que o Estado, naquela época, considerou que um dos maiores serviços que poderia ser a ele prestado seria o derramamento do próprio sangue em serviço e, por este motivo, essas “medalhas de sangue” figuram dentre as de maior importância para a honra militar. Até mesmo os militares que morreram ou ficaram feridos nos afundamentos dos navios brasileiros, a exemplo do *Baependy*<sup>11</sup>, receberam a condecoração. Com certeza esses valores militares não mudaram e nem mudarão, nem para a MB, nem para o Exército Brasileiro e nem para a FAB.

Independentemente da designação que alguém possa receber, tais como “herói”, “bravo”, “valente” ou “mártir”, qualquer pessoa que as receba, certamente, é uma pessoa comum que, vítima de alguma circunstância, acaba sendo envolvida pela História e desempenhando um papel para o qual muitas vezes não está preparado, o que não lhe diminui a importância em nada.

A Nação, o Estado e as instituições precisam dessas pessoas, assim como todos

11 Navio do Lloyd Brasileiro afundado em 15 de agosto de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, com os militares do 7º Grupo de Artilharia de Dorso.

nós precisamos da História, e é igualmente importante que todos os cidadãos a conheçam bem. Neste contexto, a finalidade de uma condecoração não se limita apenas a “massagear o ego” ou recompensar algum serviço importante prestado por alguém, mas também, e principalmente, mostrar para a coletividade, para a tropa, que aquela conduta praticada por aquela pessoa é uma boa conduta, uma conduta de valor, que deve ser incentivada e que quem a praticar sempre será reconhecido. Por este motivo, as entregas de medalhas devem ser feitas o mais rapidamente possível, na frente dos companheiros e na área de operações, para se incentivar a conduta desejada.

O soldado que vai a uma guerra não vai simplesmente pelo salário, mas porque acredita na missão, acredita que seu sacrifício contribuirá com

algo grandioso para a sociedade ou para a nação e porque tem certeza de que, se ele não voltar, ou voltar inutilizado, sua família será bem amparada pelo Estado.

O Cabo Aladarque não foi um herói com desprendimento pessoal, com a perseverança e com o altruísmo do nível do Imperial Marinheiro Marcílio Dias, ou do Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, que morreram defendendo a Bandeira Nacional a bordo do *Parnaíba* durante a Batalha Naval do Riachuelo. Na realidade, o Cabo Aladarque nem teve a oportunidade de ser um herói porque não teve tempo para tal, devido à surpresa da ação dos seus agressores: a morte dele foi trágica, instantânea e traiçoeira.

Certamente, em que pese estar um pouco distanciado de Marcílio Dias e de Greenhalgh pelas circunstâncias já descritas, ele certamente se posiciona em um nível acima daqueles militares que morreram no terremoto de 12 de janeiro de 2010, cumprindo a Missão de Paz no Haiti. Neste último caso, todos foram considerados heróis porque o número de baixas de uma só vez foi muito grande e, conseqüentemente, a cobertura jornalística e a consternação

popular também foram maiores. Ressalta-se que, destes, muitos nem estavam efetivamente em operações no momento do terremoto, quando morreram.

Em sentido contrário, têm-se outros que, morrendo isoladamente durante a missão, não geram grande comoção e nem mídia e, portanto, não são tidos como heróis e são muito pouco lembrados.

No dia 19 de maio de 1997, o Cabo Aladarque cumpria sua missão amparado por ordens superiores: ele foi voluntário para a Missão de Paz em Angola, quando muitos buscaram argumentos para não ir; submeteu-se a todas as dificuldades; cumpriu todas as ordens que lhe foram dadas, inclusive as de integrar a 3ª Companhia de Força de Paz e de estar naquela patrulha durante a qual veio a perder a vida.

Todos os integrantes do batalhão brasileiro sentiram muito a perda do Cabo Aladarque. Além disso, tal fato também nos fez sentir na pele, no coração e na alma a sensação de se estar em país estranho e muito distante, tentando ajudá-lo, mas sendo, eventualmente, agredidos e até mortos.

**O soldado que vai a uma guerra não vai pelo salário, mas porque acredita na missão, que seu sacrifício contribuirá com algo para a sociedade ou para a nação. Acredita que se ele não voltar, ou voltar inutilizado, sua família será bem amparada pelo Estado**

O fato é que a titulação de “herói” pode ou não ser outorgada pela popularidade do fato ou repercussão que ele possa ter tido na sociedade, mas, neste caso, é de se ressaltar que nem sempre os indivíduos que compõem essa “popularidade” conhecem todas as circunstâncias envolvidas e que quase todas são influenciadas por algum meio de comunicação, isso sem considerar a concepção que cada um deles tem ou não de valor.

A titulação de “herói” também pode ou não ser outorgada pelos companheiros, chefes e comandantes e pelas instituições, inclusive por meio de documentos oficiais, com a concessão de um elogio ou de uma medalha. Neste caso, em que pese o fato da titulação ser conferida por um pequeno grupo e em circunstâncias de popularidade bem restrita, aqueles que conferem o título de herói conhecem melhor as circunstâncias do fato.

Essa forma de titulação, portanto, é mais confiável porque as pessoas que estão outorgando, além de possuírem as mesmas concepções de valores, pelo fato de pertencerem a uma mesma instituição e por estarem presentes ou próximas, possuem uma noção mais exata da sensação de estar na missão, de presenciar e reagir a todas as dificuldades, de testemunhar a morte de um companheiro e de imaginar a dor da família distante que perdeu o seu ente querido.

Não é necessário que se morra para que se seja caracterizado como herói, mas *“aquele que morre pelo seu país o serve mais em um só dia do que todos os outros em todos os dias das suas vidas”* (Péricles).

Se houve algum preço alto a ser pago durante a missão, este acabou involuntariamente sendo pago pelo Cabo Aladarque,

que perdeu a própria vida. Esquecê-lo significa expressamente esquecer o sacrifício de todos os outros que morreram pela Pátria.

## CONCLUSÃO

Atualmente, qualquer pessoa que realize uma busca pelo nome do CB (FN) Aladarque Cândido dos Santos encontrará, além de algumas notícias remanescentes daquela época, uma rua com seu nome, no Bairro Jardim Shangai, em Campinas (SP), na página dos Correios, e a referência a uma pequena placa dedicada à Unavem III, na qual consta o seu nome, no Centro Conjunt-

to de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), no Rio de Janeiro (RJ), em frente ao pavilhão de comando.

O Cabo Aladarque foi voluntário para a missão em Angola e foi voluntário para integrar uma nova 3ª Companhia de Fuzi-

leiros de Força de Paz, que atuaria em Vila Nova, região diferente daquela de Chitembo, para a qual a sua 4ª Companhia de Fuzileiros Navais de Força de Paz havia sido originalmente destinada. Teve morte trágica e prematura, porém digna, resultante da ação objetiva de agressores desconhecidos, durante uma emboscada em país estrangeiro, onde atuava em operação de manutenção da paz, como representante do Brasil e da Organização das Nações Unidas.

Na ocasião da emboscada, o Cabo Aladarque fez tudo o que estava ao seu alcance com relação aos procedimentos de segurança e, como pessoa e militar, pode não ter sido um herói, mas portou-se dignamente e morreu como um, merecendo, portanto, ser lembrado.

**Aquele que morre pelo seu país o serve mais em um só dia do que todos os outros em todos os dias das suas vidas**

*Péricles*

Meu muito obrigado a todos os companheiros de missão por terem me dado o privilégio de compartilhar um pouco das suas vidas e de ter contribuído com o cumprimento da nossa missão.

Muito obrigado Cabo Aladarque, herói do 4º Contingente Brasileiro da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola III .  
Descanse em paz.  
Paz para Angola!

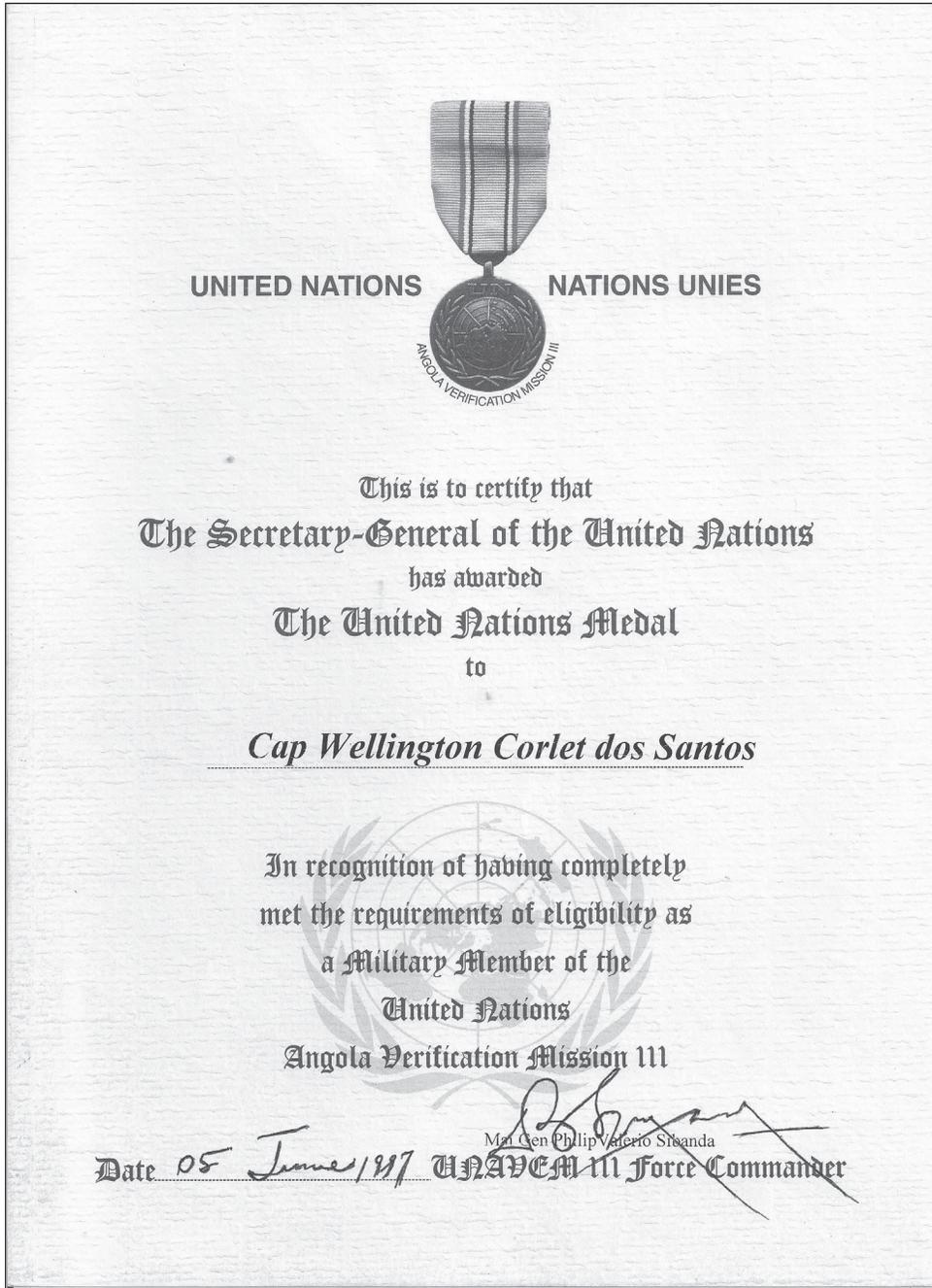
📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<FORÇAS ARMADAS>; Operação de Paz; Angola; Falecimento; Santos, Aladarque Cândido dos;

#### REFERÊNCIA

SANTOS, Wellington Corlet dos. Depoimento pessoal, tomado em 28 de março de 2016.

ANEXOS

*Certificado conferido ao autor deste artigo*



*Extrato das Folhas de Alterações do autor deste artigo*

<p>42º BIMIZ - BATALHÃO FORÇA DE PAZ          Continuação das Folhas de Alterações do          Cap WELLINGTON CORLET DOS SANTOS          CP: 28523-9</p>	<p>FOLHA Nº 2 -          1º SEMESTRE DE 1997</p>
<p>PERÍODO: de 28 Jan a 30 Jun</p>	
<p>- a 26, BI Nr 058 - deslocou-se, em 26 Mar 97, para o Brasil, em gozo de Leave.</p>	
<p>- a 31, BI Nr 061 - realizou pesquisa de Plasmodium, com resultado "NEGATIVO".</p>	
<p><u>ABRIL:</u></p>	
<p>- a 22, BI Nr 075 - apresentou em 18 Abr 97, por término Leave e estar pronto para o serviço.</p>	
<p>- a 29, BI Nr 080 - realizou pesquisa de Plasmodium (gota espessa), por ter regressado do Leave, obtendo resultado "NEGATIVO".</p>	
<p><u>MAIO:</u></p>	
<p>- a 07, BI Nr 085 - deslocou-se, em 06 Mai 97, de Kuito para Luanda, a fim de realizar escolta de comboio militar.</p>	
<p>- a 15, BI Nr 091 - regressou da cidade de Luanda, nesta data.          - designou, a contar desta data, para proceder a um IPM (inquérito policial militar).</p>	
<p>- a 16, BI Nr 092 - deslocou-se, em 06 Mai 97, de Kuito para Luanda, a fim de realizar escolta de comboio militar, tendo regressado em 15 Mai 97.</p>	
<p>- foi nomeado como presidente da Comissão de Recebimento e Exame de Material de gestão da DAM, DMM, DMCE, DTELCOM e DINFOR, no período de 16 Mai a 16 Jun 97, de acordo com o § 4º do Nr 2 do Art 66 do RAE.</p>	
<p>- a 21, BI Nr 095 - deslocou-se, em 16 Mai 97, com destino a região de Cuquemba, a fim de realizar escolta do Comandante do Batalhão, tendo regressado na mesma data.</p>	
<p>- a 22, BI Nr 096 - deslocou-se, em 19 Mai 97, de Kuito para a cidade de Vila Nova, a fim de realizar patrulha de reconhecimento, escolta e apurar as circunstâncias que envolveram uma emboscada, a um comboio da UNAVEM III, tendo regressado em 20 Mai 97.</p>	
<p><u>JUNHO:</u></p>	
<p>- a 02, BI Nr 103 - deslocou-se, em 28 Mai 97, de Kuito para a região de Camacupa, a fim de realizar apoio logístico e inspecionar uma ponte no itinerário Q(42-48), tendo regressado na mesma data.</p>	
<p>- a 04, BI Nr 105 - deslocou-se, em 30 Mai 97, de Kuito para a região do rio Cune, a fim de realizar patrulha e escolta de suprimento, tendo regressado na mesma data.</p>	
<p>- a 06, BI Nr 107 - deslocou-se, em 05 Jun 97, de Kuito para o PO do rio Cune, a fim de verificar as condições de um paiol de munições existente na área de referido PO, tendo regressado na mesma data.</p>	
<p>- a 13, BI Nr 112 - deslocou-se, em 11 Jun 97, de Kuito para o PO de rio Cune, a fim de realizar escolta de suprimento, tendo regressado na mesma data.</p>	
<p>- a 23, BOL ESP Nr 004 - Publicou a concessão da Medalha das Nações Unidas, nos seguintes termos: "O Secretário Geral das Nações Unidas no uso das atribuições que lhe são conferidas, e de acordo com o que prescreve o Nr 08, da sessão 19, da parte 4 das SOPs, para a UNAVEM III, resolve: conceder a Medalha das Nações Unidas, ao Cap WELLINGTON CORLET DOS SANTOS, por ter preenchido os requisitos de elegibilidade como membro militar da Terceira Missão</p>	